



Crise do sistema C no indivíduo contemporâneo?

Antonio Alberto Semi, Itália*

O autor analisa uma modalidade de transformação do funcionamento do sistema C no homem contemporâneo, evidenciando como esta transformação pode ser decorrente de uma adaptação conformista a uma tendência cultural que elimina a importância do indivíduo. Este tipo de adaptação permite a liberação da tensão sexual mas não a elaboração da psicosexualidade adulta e, no plano consciente, implica a redução do papel do sistema C (particularmente da razão) com fins de sobrevivência.

Descritores: Sistema C. Razão. Mal-estar na civilização. Indivíduo.

* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica da Itália



O sistema consciente tem um interesse múltiplo para os psicanalistas. Em primeiro lugar, de fato, a psicanálise, a partir de Freud, colocou em evidência o quanto os fenômenos de consciência devem ser considerados consequência e efeito (Freud, 1920) da atividade de algo que, em nível metapsicológico, foi descrito através do constructo do *sistema C*, que por sua vez é dotado, sem dúvida, de características próprias, mas especialmente muito dependente dos outros dois sistemas (*Pcs* e *Inc*).

Em segundo lugar, porém, a pesquisa psicanalítica, que se interessou principalmente pelo funcionamento dos outros sistemas, encontrou sérias dificuldades em construir modelos satisfatórios de funcionamento do sistema *C*¹. E sabemos o quanto o próprio Freud perseguiu essa meta por toda a vida (Freud, 1938), sem nunca encontrar uma solução teórica satisfatória². Além disso, a *virada de '20*, com a introdução do ponto de vista estrutural, deslocou a atenção para o funcionamento geral do Ego, do qual os fenômenos de consciência constituem somente uma mínima parte.

Em terceiro lugar, a psicanálise, desde a superação do uso da hipnose e da catarse, criou um método, chamado *associações livres*, que, se de um lado, procura afastar algumas das modalidades de funcionamento do sistema *C*, por outro tende a fazer passar todo o material psíquico do paciente através desse sistema. Desta forma, a aparente perda da importância dos fenômenos psíquicos conscientes diante da prevalência dos processos inconscientes é compensada *ad abundantiam* pelo papel que o sistema *C* acaba assumindo não somente no tratamento psicanalítico, mas também em seus êxitos favoráveis, o que implica uma capacidade de *insight*, de consciência, portanto de alargamento e modificação também do funcionamento da atividade psíquica consciente. Entretanto, também desse ponto de vista, a introdução da metapsicologia das instâncias (id, ego e superego) tornou mais problemática a forma de compreender o processo de mudança do indivíduo: não se trata mais de somente tornar consciente o material inconsciente, quanto de fazer chegar o ego (principalmente inconsciente) onde havia o id.

Last but not least, a psicanálise tem hoje outro ótimo motivo para se interessar por esse misterioso sistema e pelos efeitos de consciência que dele resultam, porque o interesse pelo estudo dos fenômenos de consciência retornou

¹ A esse respeito, permito-me citar o meu livro *The Conscious in Psychoanalysis*, International Psychoanalytical Association, London, 2007.

² "O ponto de partida para esta investigação é o dado de fato da consciência, um dado que não tem igual e que teimosamente se subtrai a qualquer tentativa de explicação ou descrição" (Freud, 1938, p.584) [GW, XVII, p.79].



de modo intenso na cultura científica e filosófica atual. Este interesse nos diz respeito de duas formas: de um lado porque nos estimula a um confronto e a uma discussão com cientistas de outras disciplinas, de outro porque nos leva a nos perguntar quais podem ser as motivações desse renovado interesse. Desejo me deter sobre esta última questão.

Antes de tudo, quero dizer que o que segue não tem nenhuma intenção de desvalorizar os estudos de história das idéias, de epistemologia, de neuropsicologia e neuropsicanálise ou de qualquer outra disciplina que nestes últimos anos tenha se ocupado dos fenômenos de consciência; estes estudos, obviamente, devem ser avaliados pelo que são e pelo que oferecem ao conhecimento humano. Entretanto, creio também ser legítimo, *do ponto de vista psicanalítico*, nos interrogarmos a respeito do significado desta grande produção de estudos. De fato, eles próprios são um produto da atividade psíquica e, portanto, não fogem ao fato de serem fenômenos resultantes, em sua parte conclusiva, da atividade do sistema C que assim os realizou a partir de estímulos e materiais de outra natureza e origem, por exemplo, a partir dos dados da percepção e da elaboração psíquica desses dados, além, naturalmente, dos estímulos derivados de material exclusivamente inconsciente.

Pergunto, portanto, se não é possível, também para estas produções intelectuais, nos colocarmos a tarefa indicada por Freud em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901):

O reconhecimento obscuro (a percepção endopsíquica, por assim dizer) de fatores psíquicos e de relações no inconsciente se espelham – é difícil dizer isso em outros termos, e aqui a analogia com a paranóia tem de nos ajudar – na construção de uma *realidade sobrenatural*, a qual está destinada, em sentido contrário, a ser transformada pela ciência em *psicologia do inconsciente*. (p.279-280) [G.W., IV, pp.287-288].

Quando escrevia assim em 1901, falando da *realidade intangível*, Freud se referia à mitologia e às religiões entendidas como conjunto de explicações coerentes de realidades (psíquicas, mas projetadas no exterior e amplamente camufladas) de outra maneira inaceitáveis ou inexplicáveis. Na época, ele colocava em evidência o quanto a concepção do mundo, moderna e científica não era de modo algum perfeita. Entretanto, um século depois, podemos nos perguntar quanto o próprio desenvolvimento científico adquiriu *também* a característica de tentar fornecer explicações coerentes e completas de realidades que, de outra forma, seriam inexplicáveis ou inaceitáveis e – principalmente – o quanto isso está ligado ao



fato de que a pesquisa científica cada vez mais, e necessariamente, recorreu a construções teóricas que, em seu conjunto, constituem uma *realidade intangível*.

De fato, as explicações científicas se ligam cada vez mais dificilmente aos dados fornecidos pela percepção³ ou estão até em contraste com eles e, se uma ligação ainda pode ser mantida pelos pesquisadores, através das experiências que eles podem realizar nos laboratórios das ciências experimentais, ela está completamente ausente para a grande maioria da humanidade. Como é notório, se *crê* nas teorias científicas porque somente muito poucos têm a possibilidade de criticá-las realmente (e nem estou dizendo de verificá-las). Trata-se de um ato de confiança nos pesquisadores ou de um ato de fé? Frequentemente trata-se da segunda possibilidade. Aliás, em relação aos cientistas, é possível observar em muitas ocasiões uma atitude de relativa desconfiança ou suspeita, o que todavia não impede *crer* justamente em suas teorias ou, ainda mais, apossar-se delas modificando-as ao próprio bel-prazer, frequentemente reduzindo-as a clichês que pouco têm a ver com a teoria originária e que todavia parecem constituir uma espécie de *passé-partout* que tudo explicam ou que podem ser aplicados a qualquer realidade. É justamente este tipo de transformação das teorias científicas que nos interessa, posto que revela o restabelecer-se de uma coerência e de uma coesão que a ciência por si só não quer ou não pode dar. Como Freud justamente sublinhava já em 1901, a visão científica do mundo não fornece as garantias de coerência e de unidade que as mitologias podem fornecer.

Portanto, nesta situação, as teorias científicas – para além de seu conteúdo específico e de seu valor cognitivo e transformador – podem realizar as mesmas funções das mitologias de antigamente e torna-se legítimo, e também necessário, nos perguntarmos, no caso que nos interessa aqui, que *obscuro conhecimento de fatores e relações psíquicas* se reflete na atual pesquisa sobre a consciência. Em outros termos: de um lado as teorias científicas são idôneas quanto à projeção de conteúdos inconscientes, do outro justamente essa idoneidade pode motivar (inconscientemente) a pesquisa científica e outras construções teóricas. Mas, e antes ainda, podemos nos perguntar quais podem ser as molas, as motivações que levam a esta pesquisa, além das conscientes e, por assim dizer, evidentes.

A minha hipótese é de que as pesquisas a respeito da consciência são motivadas por um *obscuro conhecimento* do fato de que está presente uma mudança cultural e socialmente aceita do sistema *C* como consequência de um reequilíbrio

³ A respeito do problema da relação entre processos perceptivos e processos ligados à representação, também no campo científico, ver C. e S. Botella, *La figurabilité psychique*, Delachaux et Niestlé, Paris 2001.



ou de uma mudança profunda – no indivíduo – das relações de força entre as instâncias, isto é, entre id, ego e superego, e de que esta mudança das relações de força das instâncias é consequente à ação de um fantasma cultural da *irrelevância e, portanto, da condição do indivíduo como passível de ser eliminado* da condição de sujeito da própria história. A inquietude provocada pela endopercepção deste complexo tumulto – e o desejo de anulá-lo – constituiria a força inconsciente destas pesquisas.

Neste sentido, vejo estas pesquisas como paralelas e, por certos aspectos, complementares ao interesse que os psicanalistas tiveram pelo narcisismo⁴. Em ambos os casos, no âmbito não-psicanalítico e no âmbito psicanalítico, a pesquisa parece motivada pela exigência de salvaguardar a unidade e a unicidade do indivíduo⁵. Essa exigência, nos casos de patologia narcisista, se manifesta de forma falimentar para enfrentar, de qualquer maneira, uma tendência à quebra, a um possível *break-down* psicótico e à alienação; mas, como já esclareceu Freud em *Suplemento metapsicológico à teoria do sonho* (1917), tentar salvaguardar a própria unidade diante de seu desgaste provocado pela chuva de estímulos externos é uma exigência constante de cada um de nós, que se manifesta fisiologicamente, por exemplo, na necessidade do sono e, portanto, de uma alternância sono-vigília.

Frequentemente, a mesma exigência de unidade é encontrada nas pesquisas não psicanalíticas, sob forma de redução dos processos (psíquicos) não conscientes a processos neurofisiológicos, o que tem como consequente efeito lógico reconstruir uma *unidade do psíquico* em nível consciente, mesmo que essa unidade do psíquico resulte de tal forma dependente dos processos somáticos que descritivamente podem ser qualificados como inconscientes e também se, de tal forma, se reforça uma tendência dualista (mente/corpo) que do ponto de vista científico não tem nenhuma razão de ser.

Mas o que está mudando no estrato do sistema C? Naturalmente, é muito difícil responder a uma pergunta deste tipo e, portanto, não tentarei nem por um momento dar uma resposta sintética. Tentarei somente apontar algumas mudanças que observei seja no nível clínico, seja no nível dos fenômenos sociais e de colocar

⁴ Exemplar a este respeito é a pesquisa de Raymond Cahn (*L'adolescent dans la psychanalyse*, P.U.F., Paris, 1998) que tem o sugestivo subtítulo de *L'aventure de la subjectivation*.

⁵ É possível fazer um paralelo histórico com os inícios da psicanálise: no fim do sec. XIX e no início do sec. XX a pesquisa se centrou nas condições de constituição do indivíduo e da subjetividade, a partir de uma condição indiferenciada. Isto é, a pesquisa ressaltava o quanto o modelo de indivíduo autônomo, independente, ativo, característico da cultura ocidental do sec. XIX, resultava da projeção de um desejo ao qual, porém, se contrapunha uma realidade emergente bem diferente: a de um indivíduo fragmentado, sujeito a inúmeras forças, em perene equilíbrio instável consigo mesmo e com o ambiente. Uma idéia de indivíduo socialmente aceita estava dando lugar a uma realidade bem diferente.



em evidência algumas possíveis ligações entre estas modalidades características do sistema C em alguns indivíduos e as mudanças culturais e sociais do momento atual.

Na prática clínica, pude observar, nestes últimos anos, uma particular posição *consciente* de alguns pacientes, os quais consideravam – e consideram – que as razões dos afetos e as razões da razão não somente não podem se compor e integrar entre si, mas sugerem também uma espécie de *estado de necessidade* do indivíduo, o qual não pode resistir (e nem tenta) à ação conseqüente a um estado afetivo. Entretanto esta condição não acontece sempre, mas somente nas situações sociais de *não-trabalho*, como se o ego tivesse condições de discriminar situações diferentes nas quais utilizar critérios muito diferentes e relativamente incompatíveis. Ressalto a expressão *não-trabalho*, porque ela se refere negativamente não só ao próprio trabalho, mas também a todas as atividades que são necessárias para manter um nível suficiente de eficiência na vida quotidiana. Em outras palavras: de um lado, para enfrentar as exigências inevitáveis da realidade, usa-se a razão – mas tentando excluir ao máximo a participação afetiva nessas atividades – por outro, ao contrário, são criadas áreas de *não-trabalho* caracterizadas pelo *livre* fluir dos afetos e pela busca do prazer como descarga.

Para dar um exemplo, um jovem paciente (trinta e cinco anos), executivo de uma organização comercial importante, não era eficiente e adequado somente no trabalho, mas também quando ia ao supermercado ou ao posto de gasolina. Um modelo de racionalidade, frequentemente bastante elogiado por isso. Esta racionalidade, porém, não lhe exigia nenhum esforço, era, por assim dizer, automática.

Entretanto, seja em sua casa, seja com os amigos ou em situações lúdicas (de férias, na danceteria, etc.), quando percebia um sentimento de atração, ou de simpatia, ou de antipatia, ou mesmo de ódio, imediatamente se comportava de forma a agir segundo esses sentimentos. Às vezes ficava com vergonha – *a posteriori* – desses comportamentos, mas a vergonha estava ligada ao fato de que estes, obviamente, tinham algumas vezes conseqüências duradouras nas suas relações sociais. Porém parecia-lhe completamente natural não raciocinar tanto, quando não se tratava de trabalho e, ao contrário, somente raciocinar quando trabalhava.

É preciso dizer que esta sua conduta hiper-racional também no trabalho tinha, às vezes, conseqüências desagradáveis, porque o paciente “não olhava para a cara de ninguém” e, pois, tinha atitudes que prejudicavam até seus colaboradores mais próximos. Mas também neste caso ele considerava completamente natural se comportar desta forma.



O elemento interessante, portanto, era uma oscilação completamente ego-sintônica e conscientemente avaliada como *óbvia* ou *natural* entre uma conduta ditada pela própria racionalidade, busca de eficiência, etc, na qual os sentimentos eram completamente relegados ao segundo plano, e uma conduta ditada pelos sentimentos, na qual a racionalidade e eficiência etc se mostravam completamente ausentes. No fundo me havia procurado para pedir, se possível, que eu o ajudasse a evitar as reações de vergonha (que faziam com que em algumas ocasiões precisasse se fechar em casa por alguns dias) que prejudicavam o seu trabalho. A mim, também, no fundo, pedia uma intervenção eficiente e racional. Afinal, não era esse o meu *trabalho*?

Obviamente, como psicanalista, minha tentativa seria a de descrever as vicissitudes complicadas da análise deste senhor e, especialmente, suas dinâmicas inconscientes. Todavia, visto que meu interesse aqui é o de descrever um estado de consciência, vou me limitar a dizer que, pelo que pude compreender, a atitude psíquica do paciente era resultado de uma específica derrocada da função inconsciente do superego: este funcionava, por assim dizer, somente sobre o controle da coerência racional das ações de trabalho, ao passo que era eliminado em todas as situações que nada tinham a ver com o trabalho ou com a eficiência. Nestas situações, os afetos tinham campo livre e seu jogo tinha a finalidade de reconstruir uma imagem ideal do ego, uma imagem narcísica, global, unitária. O sentimento de completude e de unidade ligado a essa imagem exercia – pelo que pude observar – um grande fascínio sobre as pessoas que o circundavam e que, por outro lado, eram bastante semelhantes a ele.

Mas em toda essa dinâmica, o que me chamou a atenção foi o uso da *razão*. Para a psicanálise, a razão é somente uma parte da atividade psíquica produzida pelo sistema C – e nem a maior parte. Todavia, certamente é uma parte à qual estamos fortemente ligados. A razão compreende não só as atividades lógicas, mas também as capacidades sintéticas e integradoras, para não falar da capacidade de uso dos próprios conhecimentos para modificar o mundo externo e interno e satisfazer realisticamente o desejo. Bem, no meu paciente, a razão – que tanto sucesso lhe dava no trabalho – estava reduzida a um simulacro, extremamente ligada à capacidade de modificar a realidade externa em função das necessidades (econômicas, por exemplo), mas incapaz de ir além ou de se desenvolver em um pensamento abstrato e sem ligações imediatas com os dados da percepção. Além disso, as metas alcançadas através do uso da razão – por exemplo, as que os outros consideravam sucessos de trabalho – não lhe davam nenhuma satisfação. Eram consideradas *rotina*, consequências lógicas de premissas fornecidas pelos outros.



Em certo sentido, meu paciente poderia parecer um *primitivo* no sentido dado a essa palavra pela literatura pré-científica. De fato, ele havia criado uma situação em que estava completamente de acordo com a realidade perceptiva, ainda que – diferente do *primitivo* imerso na natureza – esta realidade fosse constituída pela empresa na qual estava imerso e pelos dados mínimos da realidade circundante. Certamente não ia caçar com arco e flecha para arranjar comida, todavia sua atividade *racional* ligava-se ao arranjar do que viver, com a constituição de reservas para os tempos difíceis. Do *resto* (o mundo das idéias, o mundo da pesquisa científica, a literatura ou a arte em todas as suas formas, para não falar do mundo dos afetos e das ligações com base afetiva), não somente não procurava ter nenhum conhecimento, mas desconfiava intensamente, como chegou a dizer em uma sessão bastante dramática: “O que eu vejo e toco, existe, todo o resto são fantasias”. Naquele “vejo e toco” se manifestava uma necessidade sua de coerência interna entre seus pensamentos e os dados da realidade externa. Ao contrário, quando uma idéia científica colocava em crise sua sensação de certeza, resultado dessa coerência, ele rapidamente a afastava ou a jogava em um espaço, o das *fantasias*, que era semelhante ao seu cesto de lixo.

Tinham-se passado séculos da enunciação das teorias de Copérnico e Galileu, mas meu paciente ainda não tolerava que a terra girasse em torno do sol, pois a evidência perceptiva lhe mostrava todos os dias que o sol surgia de um lado do céu e se punha do outro. Bem entendido, esse senhor era bastante culto e inteligente para não se permitir afirmar que Copérnico estava errado, todavia utilizava, neste caso, o argumento da irrelevância: “Está bem, será assim como afirma Copérnico, mas para mim isso é totalmente irrelevante, pouco me importa o que dizem, para mim o importante é que, quando eu levanto, sei que o sol irá surgir à esquerda e que irá se pôr à direita, o resto são fantasias que não têm nenhum peso na minha vida”.

Havia nessa técnica de argumentação uma defesa extrema da sua percepção. De fato, o insulto que Copérnico e Galileu infligiram ao nosso narcisismo tem a ver justamente com isso: eles demonstraram que nossos sentidos nos enganam e que a razão pode dar explicações da realidade muito diferentes das que podem ser construídas sobre a simples base da observação das percepções que temos da própria realidade. Nesse sentido a revolução de Copérnico foi também uma revolução antropológica, baseada em uma fratura dramática entre a percepção (a sua elaboração psíquica) e a razão.

Desde a época de Galileu, a revolução científica produziu, no plano antropológico, dois efeitos concomitantes. Em primeiro lugar, nos tornamos progressivamente conscientes do fato que o indivíduo da espécie humana ainda





está estruturado exatamente como surgiu, portanto, que há milênios não houve mutações ou modificações estruturais a ponto de nos tornar *diferentes*, por exemplo, do homem do neolítico e que este homem é, por assim dizer, construído para funcionar em pequena escala, em âmbitos restritos. Em segundo lugar, demonstrou que as capacidades que desfruta o indivíduo da espécie *Homo sapiens* são tais a ponto de constituir – ao lado da dinâmica evolutiva biológica – uma dinâmica evolutiva cultural, construída na base da extensa utilização da capacidade de simbolização e de elaboração da linguagem e que esta segunda dinâmica interfere com a primeira, desenhando percursos biologicamente pouco comuns e, aliás, impossíveis para outras espécies. A construção de símbolos e a consequente elaboração do que denominamos *valores* faz com que, por exemplo, não seja mais aceita a lei do mais forte e que, portanto, do ponto de vista da evolução biológica, sejam introduzidos critérios que contrastam com a assim chamada seleção natural.

Além disso foi possível constatar uma diferença substancial entre as dinâmicas culturais e as dinâmicas de grupo: de fato, estas últimas existem também em muitas espécies animais e no fundo demonstram quanto o indivíduo é um acessório importante, mas também quanto o essencial do ponto de vista das leis biológicas é a conservação da espécie; por outro lado, as dinâmicas culturais mostram quanto é essencial a conservação do que chamamos *conjunto de valores* ou conjunto de símbolos. E não é possível dizer que as dinâmicas culturais protegem a espécie: uma cultura pode desaparecer materialmente – com a extinção de seus membros – em vez de aceitar se transformar.

Todavia, ao lado dos motivos que Freud já havia enumerado em *O mal-estar na civilização* (1927), a evolução sócio-cultural nos últimos cinquenta anos acrescentou um outro motivo fundamental ao *mal-estar do indivíduo nesta civilização*: ela de fato está mostrando quanto o indivíduo, por si só, pode se tornar irrelevante e, especialmente, quanto o desenvolvimento da subjetividade pode ser algo negativo com vistas à manutenção da ordem social.

Freud, de certa forma, havia intuído esta perspectiva, mas não pôde explorá-la a fundo. É preciso lembrar, porém, que justamente em *O mal-estar da civilização* a preocupação de Freud dirigia-se principalmente ao indivíduo: “O que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer, ainda que seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo.” (p. 568) [G.W., XIV, 434]. E, depois de ter explorado as formas e as causas da oposição (às vezes necessária, com base na realidade) à obtenção individual do prazer, detinha-se no prazer por excelência, no prazer do qual depois derivam todos os outros prazeres, isto é, o prazer sexual,



para mostrar como a realização da satisfação sexual – e do prazer a ela ligado – era cada vez menos permitida. A conclusão, no cap. 4, era esta:

A civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte e prazer por si própria, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de procriação da raça humana. (p. 594) [G.W., XIV, 464].

Hoje, a primeira parte dessa frase pode nos fazer levemente sorrir, mas a conclusão não faz sorrir absolutamente, ainda mais se refletirmos nos desenvolvimentos, ocorridos nesse meio tempo, das ciências biológicas e de todas as técnicas relativas à assim chamada *procriação assistida*. Para além dos benefícios práticos e dos conhecimentos científicos presentes nesses desenvolvimentos, de fato podemos nos perguntar, hoje em dia, caso a sexualidade se torne substituível para o crescimento da espécie, se o prazer sexual e tudo o que a ele está ligado não poderia vir a sucumbir sob a foice da proibição. Em outros termos, o quanto as dinâmicas psicosexuais, que incluem a elaboração da individualidade e a expressão da subjetividade, não podem se tornar pleonásticas ou até negativas do ponto de vista da espécie. Em suma, por trás de desenvolvimentos muito favoráveis para os indivíduos em particular, e em geral importantes pelos novos conhecimentos que implicam, poderia também se agitar um fantasma de irrelevância do indivíduo e um desejo mortífero de eliminação da subjetividade. Nessa perspectiva, as reações narcísicas, hoje em dia tão frequentes, poderiam também fazer parte de uma reação defensiva inconsciente do indivíduo que se sente considerado irrelevante e, aliás, de certa forma, perigoso, devendo, portanto, ser eliminado na sua unicidade, antes mesmo que na sua unidade.

Freud, na época, colocava o acento especialmente nas dinâmicas libidinais ligadas à experiência do prazer sexual, ao passo que não enfrentava as conseqüências no plano narcísico, mas eu penso que hoje seria oportuno refletir sobre dinâmicas sócio-culturais que incentivam fortemente a transformação, por exemplo, do cidadão (expressão jurídica de uma concepção específica do indivíduo como autor autônomo da própria história, inserido em uma organização social que, pelo menos, em linhas gerais, incentiva o desenvolvimento da sua subjetividade) em alguém que consome, isto é, executa uma série de práticas que necessariamente devem ser homogêneas, iguais para todos.

Desse ponto de vista, o paciente que mencionei antes era um conformista,



que se adaptava perfeitamente – e com sucesso social – a este tipo de dinâmica: suas atividades *de trabalho* implicavam somente um uso da razão separada de qualquer experiência de prazer, enquanto suas experiências de prazer se limitavam a uma descarga da tensão sexual de mil maneiras “simples” e “econômicas” (para usar suas expressões) que implicavam somente um grau mínimo de elaboração psíquica. Tudo acontecia como se durante o fim-de-semana ele tivesse que eliminar as escórias acumuladas durante a semana de trabalho, para estar livre e “limpo” (sempre uma expressão sua) na segunda de manhã. *En passant*, note-se como todas essas expressões assinalam a importância da analidade para essa pessoa e como a ligação entre analidade e narcisismo o caracterizava.

Mas o que eu desejo evidenciar é o tipo especial de realização do funcionamento do sistema C específica nesta situação. Se – mesmo defensivamente em relação aos fantasmas culturais presentes – as relações com o externo se limitam ao conhecimento e ao uso da realidade para garantir a satisfação das necessidades essenciais, o sistema C pode ser aos poucos transformado em uma espécie de máquina com finalidades exclusivamente práticas e o uso do pensamento consequentemente reduzido. É claro que o sistema C estava implicado também, por assim dizer, durante o fim de semana, mas também nesse caso não exprimia a elaboração de um pensamento, mas somente a elaboração de instrumentos mínimos dirigidos à realização da possibilidade de descarga. De certa forma, o meu paciente usava do sistema C para adquirir durante a semana e para evacuar durante o fim de semana. O que o levou a pedir ajuda – as reações de vergonha que às vezes sentia e que considerava nocivas para sua vida e, portanto, deviam ser eliminadas – foi, então, o fragmento de *saúde* psíquica que escapava à estratégia de anulação conformista que até então havia conseguido atuar.

Indago-me quantas podem ser as pessoas que, em nosso mundo tão desenvolvido e civilizado, elaboram uma estratégia psíquica desta natureza e creio que não são poucas. Trata-se, do meu ponto de vista, de uma estratégia que se aproxima das descritas – bem diferentes, mas também motivadas por uma fantasia inconsciente de irrelevância e de impotência do indivíduo – por Raymond Cahn⁶. Nesse último caso, tratar-se-ia de elaborações da individualidade e da subjetividade fortemente antagonistas – e frequentemente também falimentares, seja subjetiva ou socialmente – em relação aos preceitos implícitos da cultura atual, ao passo que, nas pessoas que descrevi, tratar-se-ia de saídas narcísicas altamente conformistas (e, frequentemente, de grande sucesso social) em relação às fantasias e aos preceitos da nossa cultura.

⁶ R. Cahn, *cit.*



Voltando agora ao tema inicial, me pergunto o quanto, *por trás* do desenvolvimento das pesquisas não psicanalíticas sobre consciência, pode despontar, motivando-as, o fantasma da irrelevância do indivíduo e da condenação da subjetividade que parece se agitar na nossa cultura atual, isto é, quanto pode haver de sintomático – do nosso ponto de vista – nessas pesquisas. O sintoma é sempre um compromisso complexo, que consegue se realizar justamente porque pode exprimir diversos movimentos internos, dos quais utiliza a força de poder chegar a conquistar a consciência. Neste caso, o alarme pela irrelevância do indivíduo pode levar a estudar como ele elabora o pensamento, mas a tendência conformista, por sua vez, pode levar a elaborar modelos determinísticos do pensamento consciente que inevitavelmente levam a uma concepção mecanicista da atividade psíquica humana.

É claro que certo grau de determinismo é necessário para qualquer pesquisa científica e se trata somente de poder conservar o julgamento em relação à operação abstrata que vai sendo realizada, evitando assim confundir o modelo com finalidades heurísticas com a realidade; vale também para os outros o aviso de Breuer de não confundir um substantivo com algo substancial, concreto⁷, aviso do qual Freud fez amplo tesouro e sobre o qual baseia a construção metapsicológica a partir do sétimo capítulo⁸ da *Interpretação dos sonhos* (1899).

O objetivo do tratamento psicanalítico – eu dizia no início – é o de possibilitar cada vez mais as trocas entre sistemas e instâncias psíquicas e de permitir um equilíbrio de forças que possa ser utilizado pelo indivíduo para realizar realisticamente seus desejos e para poder fazê-lo juntamente com os outros, como também poder tolerar os conflitos – intrapsíquicos e interpessoais – que inevitavelmente são gerados pela diversidade das pessoas implicadas nesses processos e pela multiplicidade dos movimentos de desejo inconsciente que pressionam para serem realizados e pelas forças inconscientes que a eles se opõem.

Todavia, podemos nos perguntar se este objetivo – que deixa espaço a infinitas soluções subjetivas – não é ainda menos tolerável hoje, para nossa cultura, do que antes e se as realizações dos procedimentos e das estratégias de pensamento

⁷ “É até fácil demais cair no hábito mental de supor uma substância por trás de um substantivo, de ver um pouco, por vezes, um objeto por trás do conceito de ‘consciência’, e quando nos acostumamos a usar metaforicamente relações locais, como no caso de ‘subconsciente’, com o passar do tempo se desenvolve realmente uma representação em que a metáfora é esquecida e que podemos manipular facilmente como se fosse real. Então a mitologia é completa” (Breuer, *Considerazioni teoriche*, Cap.3 di Breuer J. e Freud S. (1892-95) *Studi sull'isteria*, pag.372).

⁸ “Em minha opinião, estamos justificados em dar rédea livre a nossas especulações enquanto retivermos a frieza de nosso juízo e não tomarmos os andaimes pelo edifício”. (Freud, 1899, p.499) [G.W. II/III, 541].



específicas, com os quais se manifesta a consciência de muitos indivíduos contemporâneos, não colocam em evidência novas formas de realização da individualidade, sobre as quais sabemos ainda pouco, mas que apelam menos para a ampliação da atividade consciente de pensamento do que faziam as realizações específicas do século XIX e do século XVIII.

Resta válida a consideração tópica do sistema C: podemos imaginá-lo colocado na periferia do aparelho psíquico, exposto tanto à chuva de estímulos provenientes da realidade externa (e que depois são submetidos à elaboração do processo perceptivo) quanto aos estímulos contínuos provenientes da elaboração psíquica *pré-consciente e inconsciente*. Por muitos aspectos, o sistema C depende estritamente destas duas realidades com as quais está relacionado. A primeira é uma realidade histórica, mutável que manifesta, porém, de formas sempre diferentes também a elaboração coletiva dos fantasmas inconscientes; a segunda, por outro lado, é uma fonte relativamente a-histórica, estável, ligada à necessidade de satisfazer os desejos resultantes da dinâmica pulsional. É importante não esquecer esta dupla dependência quando buscamos, através dos produtos da atividade psíquica consciente, reconstruir as atuais características principais do sistema C, características com as quais temos que lidar cada dia também na nossa atividade clínica e que constituem um filtro complexo e ativo para a emergência do material inconsciente. □

Abstract

Crisis of the C system in the contemporary individual?

The author analyses a modality of transformation of the C system operation in contemporary individuals, showing how this transformation may be the result of a conformist adaptation to a cultural trend which eliminates the importance of individuals. This type of adaptation enables the release of sexual tension, but not the elaboration of adult psychosexuality and, at the conscious level, it means the reduction of the role of the C system (particularly that of reason) with survival purposes.

Keywords: C system. Reason. Malaise of civilization. Individual.



Antonio Alberto Semi

Resumen

Crisis del sistema C en el individuo contemporáneo?

El autor analiza una modalidad de transformación del funcionamiento del sistema C en el hombre contemporáneo, evidenciando como esta transformación puede ser consecuencia de una adaptación conformista a una tendencia cultural que elimina la importancia del individuo. Este tipo de adaptación permite la liberación de la tensión sexual, pero no la elaboración de la psicosexualidad adulta y, en el plano consciente, implica la reducción del papel del sistema C (particularmente de la razón) con fines de supervivencia.

Palabras llave: Sistema C. Razón. Malestar en la civilización. Individuo.

Referências

- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. (2001). *La figurabilité psychique*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- BREUER, J. Considerazioni teoriche, Cap.3 In: _____ J. e Freud S. (1892-95) *Studi sull'isteria*. Torino, Boringhieri, 1996
- CAHN, Raymond (1998) *L'adolescent dans la psychanalyse: L'aventure de la subjectivation* Paris, P.U.F.
- FREUD, Sigmund. (1917) *Supplemento metapsicologico alla teoria del sogno*. In: _____, (1938) GW, XVII, Torino, Boringhieri, 1996
- _____. (1901). *Psicopatologia della vita quotidiana* G.W., IV Torino, Boringhieri, 1996.
- _____. (1927) *Il disagio nella civiltà* G.W., XIV Torino, Boringhieri, 1996.
- _____. (1899) *Interpretazione dei sogni* G.W. II/III, 541 Torino, Boringhieri, 1996.
- SEMI, Antonio Alberto (2007). *The Conscious in Psychoanalysis*, London: International Psychoanalytical Association.

Recebido em 06/01/2009

Aceito em 03/03/2009

Tradução de **Marta Petricciani**

Revisão técnica de **Ruggero Levy**

Antonio Alberto Semi

Castello 3471,

30122 Venice – Italy

e-mail: aasemi@tiscalinet.it

© Antonio Alberto Semi

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA